

**A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA  
E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA:  
O PAPEL DA SOCIOLINGUÍSTICA**

*André Suehiro Matsumoto (UEMS)*

[andre.suehiro@gmail.com](mailto:andre.suehiro@gmail.com)

*Marilene Rodrigues de Araújo Campos (UEMS)*

[lenaraujo4@hotmail.com](mailto:lenaraujo4@hotmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho faz uma breve discussão da importância do suporte teórico-metodológico da sociolinguística proposto por Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007), entre outros estudiosos que compartilham dessa linha teórica de pensamento, destacando a relação existente entre língua e sociedade, cujo enfoque é a linguagem falada em diversos contextos comunicacionais, principalmente em relação ao ensino de língua materna, pois é por meio da oralidade que se verifica a ocorrência da variação e mudança linguística, isto é, o contraste com que é estabelecido com o “padrão” versus o “não padrão”, tornando-se, por vezes, alvo de preconceito linguístico. Diante disso, este estudo pretende demonstrar alternativas metodológicas e reflexivas ao processo de ensino/aprendizagem, de forma a valorizar as diversas variantes, ensinando a língua padrão sem projetar nela a imagem de única língua aceitável, rica, difícil, complexa, pura ou eficiente.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação linguística. Ensino de língua materna.

**1. Introdução**

Este trabalho faz uma breve discussão da importância do suporte teórico-metodológico da sociolinguística, considerando aspectos essenciais, como língua e sociedade, tendo em vista essa inter-relação, a linguagem falada é imprescindível numa investigação de cunho descritivo-linguístico, assim toda linguagem proveniente da fala, sob o olhar variacionista, se ancora em perspectivas dos estudos sociolinguísticos e variacionistas propostos por Labov (1983/2008).

Diante disso, o foco da sociolinguística é a língua em uso nas mais variadas comunidades linguísticas, interligando aos aspectos do sistema linguístico e os fatores sociais, diante disso, a língua passa a ser entendida como uma função sociocomunicativa.

O território brasileiro se configura como um espaço que congrega várias comunidades linguísticas, pois coexistem povos de diferentes lu-

gares, assim é preciso que haja uma valorização da oralidade marginalizada dos grupos de falantes estigmatizados, no sentido de verificar a importância da linguagem falada na construção dos valores culturais e linguísticos.

Desta forma, este estudo faz uma explanação dos conceitos de língua e sociedade e variação linguística interligado com o conceito de preconceito linguístico; a exposição dos métodos sociolinguísticos; reflexão sobre as contribuições proporcionadas pela pesquisa sociolinguística com breve reflexão no ensino de língua materna e por último um diálogo desses aportes teóricos.

Assim, este trabalho almeja contribuir para tornar visíveis as relações entre linguagem e sociedade, e, de certa forma, resgatar a valorização da diversidade sociolinguística e dialetológica existente, que interferem diretamente no ensino de língua materna.

## **2. Relação entre língua e sociedade: apontamentos históricos**

Segundo Calvet (2002), surgiram muitos estudos e teorias para explicar o conceito de língua; uns dos principais linguistas que hoje são estudados para compreender tais conceitos são: Saussure, Meillet e Labov. Essas teorias pairavam em conflitos, que pareciam inacabáveis. Tais discussões eram para concluir se a língua tinha relação com o social, se ela era realmente um “fato social” como afirmou Ferdinand Saussure.

Uns dos assuntos linguísticos que foi muito debatido por Meillet *apud* Calvet (2002) foi a justaposição das dicotomias saussurianas (diacronia e sincronia), que Saussure as distinguia e as separava. Se de um lado tem-se a unificação, a associação de linguística interna e externa; do outro lado tem-se a dissociação, a separação. Antoine Meillet *apud* Calvet (2002) defende a ideia de que para a compreensão da língua e de como ela foi, ou é falada de determinada forma, é necessário levar em consideração os fatores externos à língua, pois a linguagem é eminentemente um fato social; ou seja, ela é o reflexo dos acontecimentos externos, tais como: os avanços tecnológicos, das modificações sociais, da escolaridade, do gênero e idade; pois a cada fase da vida utiliza-se vocábulos diferentes, e para cada nível de escolaridade também e assim por diante.

Portanto, atualmente, num estudo sociolinguístico, é necessário a descrição e análise social e histórica do objeto de pesquisa; ou seja, é primordial abordar os fatores linguísticos e extralinguísticos para a ob-

tenção de um resultado consideravelmente satisfatório. Por isso Meillet *apud* Calvet (2002) busca abordar a estrutura da língua por meio da história, pelos acontecimentos sofridos ao longo do tempo; pois entende-se que é preciso remeter aos fatos passados para compreender o presente, como é feito na língua.

Por isso, identificar os fatores históricos, como as condições socioeconômicas de um grupo, a escolaridade e gênero; são imprescindíveis para o entendimento do funcionamento intrínseco da língua, pois estas duas dicotomias são suporte e lógica para a boa compreensão da estrutura linguística e como ela se concretiza.

Como foi explanado anteriormente, os fatores externos e internos da língua estão ligados entre si; língua e sociedade também.

Com o intuito de uma comunicação efetiva, as comunidades e grupos sociais utilizam a língua para a interação social. Essa ação recíproca permite que o indivíduo manifeste ideias e realize exposição dos pensamentos à comunidade por meio da oralidade; tendo assim a interação de um todo ao único e o único ao todo. Outro fator para a correlação entre sujeito, língua e sociedade é que cada indivíduo também modifica a língua a qual fala. Portanto, a língua falada tem uma intencionalidade, a comunicação; e como a linguagem oral indica elementos ancestrais (o regional, social, escolar e gênero), os aspectos societários se revelam na estrutura linguística.

Como se pode perceber, o falar é a representação do pensamento humano, portanto é um fato social, se a privarmos do contexto social, teremos uma abstração desprovida de sentido, sem ponderáveis explicações. Há também as variações linguísticas, que são as várias formas do falar, como por exemplo, cita-se os dialetos regionais dos diversos grupos de falantes. Dessa forma, as variação e mudança de acordo com Labov (1983/2008) e Tarallo (2007), fazem parte destes contextos sociais, porque linguagem falada e variação linguística se encontram numa relação intrínseca.

Por isso, ao deparar-se à língua falada em dado momento, deve-se entender o processo a que ela sofreu para chegar a tal forma; ou seja, entender sua evolução e sua história. Compreendido isto, sabe-se que a sociedade muda, que cada época foi marcada por uma conquista ou evolução, e com ela, a língua também se transformou. E essas transformações deixaram marcas, construíram uma identidade, fizeram história. Entender as ocorrências passadas é analisar o presente e presumir o futuro; e tudo

que está relacionada com os meios sociais, se relaciona com a linguagem. Sendo assim, a língua não se separa da sociedade, mas cada uma cumpre com a sua função. (BENVENISTE, 1989)

### **3. A diversidade linguística e o preconceito linguístico**

Como foi definida, em uma comunidade onde existe uma quantidade considerável de falantes, existe o dialeto padrão e o não padrão. Entende-se também, que a norma padrão está ligada às camadas sociais de prestígio e a não padrão aos estratos marginalizados. Contudo, essas variações demonstram que há uma separação entre o que é tido, pelo senso comum, como “correto” e o “não correto” na língua falada.

Tais separações ocasionam preconceitos e inculcam mitos equivocados do que é “certo” ou “errado” falar. Crenças de que quem fala conforme o que a gramática tradicional ensina são pessoas de nível superior ou que possuem *status* econômico e quem fala “errado” são pessoas sem instrução ou que não possuem um *status* socioeconômico privilegiado. Ou ainda, que falar português é “difícil”, que o falar do centro oeste brasileiro é um falar “caipira”, e que a fala “correta” é a do carioca; e entre outros mitos que não possuem explicações lógicas.

O preconceito é uma questão preocupante, e na língua, isso é ainda mais alarmante. Pelos conceitos já refletidos, percebe-se que a língua passou por vários processos estruturais, sejam mudanças sintáticas, morfológicas e fonológicas até ser falada como é atualmente. Esses processos carregam histórias e influências linguísticas de outras culturas. E se a língua é passiva de modificações ao longo do tempo, deve-se frisar que as mudanças são perceptíveis na sociedade; pois se um grupo social se modifica, a língua sendo parte dela, também irá se alterar, evoluir.

Cada sociedade carrega consigo seus costumes, crenças e estilos de vida. Tudo isso se reflete na língua. Entender as particularidades regionais e identitárias é entender também a língua que é falada. Já foi dito que para cada faixa etária da vida são falados e utilizados vocábulos diferentes, e isso ocorre em diferentes grupos sociais; cada qual com suas particularidades linguísticas e vocabulário específico. Pois entender como tais grupos chegaram à determinada forma de falar é valorizar a história, a identidade e a cultura.

Assim, afirma-se que não há “falar correto” e/ou “falar errado”, pois numa visão sociolinguística o que existe é se a linguagem está adequada ou inadequada conforme o contexto de uso linguístico.

#### **4. Métodos da pesquisa sociolinguística**

Os estudos sociolinguísticos que trabalham a variação linguística, encontrada na linguagem falada das pessoas, necessitam, para isso, constituir um *corpus* entrevistas gravadas, podendo ser agrupadas em variáveis como gênero, idade, nível de escolaridade e em alguns casos até etnia.

Considerando isto, a pesquisa é realizada por meio de pesquisa de campo, baseada no suporte teórico-metodológico da sociolinguística laboviana que analise as variações ocorridas na língua decorrentes de variantes linguísticas e/ou sociais (TARALLO, 2007).

Num trabalho sociolinguístico, salienta-se a importância da observação *in loco* e descrição por meio das entrevistas com os sujeitos pesquisados, refletindo por meio de perspectivas teóricas dos estudos variacionistas propostos por Labov (1983/2008).

O modelo de pesquisa proposto por William Labov (1983/2008) e seguido por Fernando Tarallo (2007) é o da sociolinguística quantitativa porque trabalha os resultados da pesquisa relacionados aos dados estatísticos, dessa forma, quando se trabalha com estas informações, simultaneamente, se aborda a diversidade linguística. Encaixam-se perfeitamente em diversidade as variantes linguísticas, pois é nelas que se encontram um vasto campo de possibilidades de usos linguísticos.

O modelo proposto por Labov (1983/2008) abarca as questões da variável e das variantes linguísticas. A variável é o resultado do agrupamento das variantes linguísticas. Essas variáveis significam as diferenças do falar de cada grupo social, de acordo com o contexto de uso da língua em espaço de interação linguística.

Com o objetivo de alcançar um resultado sistematizado, seguem-se etapas que são rigorosamente elaboradas para a finalidade almejada. Assim, adota-se o seguinte esquema a fim de obter um resultado preciso e sistematizado. Primeiramente se faz levantamento dos dados da língua; descrição detalhada da variável linguística; análise dos fatores linguísticos e não linguísticos; encaixamento da variável quanto à questão do sis-

tema linguístico e social; análise da variável no campo histórico-social. Feito este esquema, obtêm-se um objeto de estudo sistematizado e objetivo.

Não se pode deixar de mencionar que cada etapa exige uma elaboração cuidadosa do material de pesquisa; a seleção dos informantes e do local onde ocorre a pesquisa; levando em consideração fatores externos como: faixa etária, classe social, nível de escolaridade, e etnia se houver.

Por outro lado, as variações linguísticas são aquelas consideradas de prestígio e de não prestígio. Em geral, a variação padrão sempre será a de prestígio e conservadora, e a não padrão está diretamente relacionada com as variantes inovadoras e estigmatizada pela sociedade.

Entendido isto, chega-se a um ponto importante para uma pesquisa sociolinguística; a definição do objeto de estudo, que no caso é o fato linguístico e a sua análise, tendo então os resultados, sempre atentando à língua falada, que é analisada em sua forma natural e espontânea.

É preciso salientar que o método descritivo-sociolinguístico aborda a linguagem oral por meio de amostragem, por isso a necessidade de delimitação de um *corpus* para tabulação de determinados dados.

##### **5. Ensino de língua materna: um contexto sociolinguístico**

Depara-se que, muitas vezes, as crianças são discriminadas pela escola e conseqüentemente desvalorizadas, tudo isso demonstrado pela expressão de sua linguagem falada, isto é, suas falas.

Outro ponto considerado grave, os alunos são avaliados segundo sua linguagem, e pelos reflexos dela em sua escrita. As crianças demonstram todos os estereótipos que a própria escola lhes introduz por meio do livro didático, que é um longo período histórico verificado no âmbito escolar. A norma padrão da língua imposta, não sendo possível a experiência com diferentes tipos de linguagem.

Salienta-se que o fato de ter liberdade para falar, tendo consciência de que sua linguagem não é julgada nem condenada amplia as possibilidades de comunicação levando as crianças a um grande intercâmbio de ideias. E faz despertar o interesse por conhecer a norma, tão distante do dialeto a que estão acostumados. O que nos leva a conclusão de que o ensino aprendizagem da linguagem escrita, a produção textual, o desenvolvimento da expressão verbal estão relacionadas à valorização pessoal

dos alunos e de sua própria linguagem, que será motivada se a metodologia estiver calcada em princípios linguísticos.

Segundo Soares (2000), no processo de ensino aprendizagem, a linguagem desempenha papel importante, pois é ao mesmo tempo o principal produto da cultura e o principal instrumento para sua transmissão. Sendo assim, o uso pelos alunos pertencentes às camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos, levando a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada.

Considerando que a linguagem é reflexo de diversos fatores e que a sociedade é composta, majoritariamente, por aqueles que detém menor poder aquisitivo. E assim, várias situações sociais são desencadeadas, como falta de alimentação, moradias, saúde e entre outros diversos problemas sociais que se revelam na linguagem, seja falada ou escrita. Contudo, a escola não consegue solucionar todos esses problemas. Nesse sentido, governo, escola e professor precisam adotar meios de cooperação, objetivando sanar esses empecilhos.

De acordo Bagno (2002), não se pode deixar de ensinar a norma padrão na escola, pois esta é detentora de maior prestígio nas camadas dominantes da sociedade, mas é preciso democratizar o ambiente escolar, deixando-o mais receptivo quanto às inúmeras variedades linguísticas que qualquer língua viva apresenta. Também é preciso que a escola favoreça o processo de letramento dos alunos, incitando-os à leitura e à escrita, pois desta forma os alunos terão contato com os diferentes gêneros textuais, perceberão as variedades linguísticas e aumentarão seu repertório de recursos linguísticos (lexicais, gramaticais, estilísticos etc.).

Portanto, nesse sentido, a sociolinguística trouxe grandes avanços no que diz respeito às variações linguísticas, à língua falada, consequentemente, fazendo com que surjam novas abordagens no ensino e aprendizagem de língua materna.

## **6. Considerações finais**

Acredita-se que a variação seja uma propriedade de todas as línguas, mas a riqueza de variantes nada mais é que um reflexo da riqueza cultural de um povo. Logo um país continental, culturalmente rico e etnicamente miscigenado, como o nosso, só poderia falar uma língua rica em variantes sociais. Cada povo e cada cultura do nosso país contribuiu, a

seu modo, para modificação, enriquecimento e variação da “nossa língua portuguesa” que é a mais original forma de expressão histórico-cultural do povo brasileiro.

Tendo em vista os aspectos observados, espera-se do professor um maior respeito pelas diversas variantes da língua portuguesa com que o aluno chega à escola. É importante considerar os aspectos sociais e culturais, sem o preconceito a eles atribuído e ensinar a língua padrão (norma culta, que geralmente é associada aos conteúdos de prestígio) sem projetar nela a imagem de única língua aceitável, rica, difícil, complexa, pura ou eficiente.

Ao refletir sobre a língua e linguagem, simultaneamente, acompanha-se de perto a evolução da sociedade, conforme a variação e mudança no tempo e no espaço sócio-histórico-geográfico.

Tendo em vista todos os conceitos a respeito de linguagem, pode-se afirmar que a língua e linguagem são extremamente necessárias para a vida em grupo, pois é ela que permite a comunicação e o intercâmbio de informações com o outro.

Compreender a língua não é só falar, ouvir e escrever, mas sim entender as suas particularidades e variações. E compreendendo como ela funciona de fato, é ao mesmo tempo respeitá-la; pois como pode alguém respeitar algo se não a compreende? Diante disso, este breve estudo abordou temas linguísticos que seria ideal se todos conhecessem, não para aprender a expressar conforme a língua padrão, ao contrário, entender como cada lugar tem a sua forma de falar, de manifestar seus sentimentos e ideias, e de que modo se chegou a tal característica, assim verifica-se a importância da história para fornecer informações sobre o passado.

O motivo de se enfatizar a oralidade, pois é por meio da linguagem falada que se verifica a ocorrência da variação e mudança linguística, isto é, o contraste com que é estabelecido como “padrão” *versus* o “não padrão”, pois a variedade de prestígio considerada a formal se apresenta pela sua posição de objetividade e neutralidade, já a informal, se caracteriza por demonstrar a diversidade linguística e cultural.

Por tudo isso, objetivou-se aqui, promover uma reflexão em relação às contribuições da sociolinguística variacionista, que é a descrição das línguas em sua diversidade funcional e social, dessa forma este trabalho teve o intuito de direcionar o foco para as questões relacionadas à

língua e sociedade, variação linguística e suas metodologias de pesquisa e no ensino de língua materna.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKIMIN, T. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol. 1, São Paulo: Contexto, 2001.

BAGNO, Marcos. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Preconceito linguístico. O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. E. M. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

ELIA, S. *Sociolinguística: uma introdução*. Rio de Janeiro. Padrão, 1987.

FISHER, J. L. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. E. M. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FRANCHI, Eglê. *E as crianças eram difíceis: A redação na escola*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

LABOV, W. *Modelos sociolinguísticos*. Madri: Cátedra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTIN, R. *Para entender a linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2000.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.